

A BIBLIOTECA DO CORPO

A estante rangia. Não de velhice, mas de excesso de peso. Era uma estante de hospital universitário, dessas que cheiram a álcool 70 misturado com café requentado e um leve fundo de papel úmido. Ali, comprimidos lado a lado, viviam dez tijolos de papel que, sem saber, carregavam dentro de si a anatomia do mundo.

Na primeira prateleira, reinava ele, o patriarca: **Harrison**. Não era “o Harrison”, era simplesmente *Harrison*, como se fosse uma pessoa da família, um avô severo e sábio, daqueles que não levantam a voz, mas deixam você em silêncio só com uma sobrancelha erguida. Suas páginas falavam de insuficiências, síndromes, choques sépticos, anginas estáveis e instáveis, como se tudo pudesse ser alfabetizado em sinais, sintomas e condutas.

Ao lado, quase encostando o ombro, estava **Gray's Anatomy**, aquele atlas que parecia mais um mapa de um império em guerra constante. Veias como estradas secundárias, artérias como rodovias movimentadas, nervos como linhas telefônicas antigas tentando manter a comunicação entre mundos distantes: cérebro e mão, medula e pé, tudo ligado por fios delicadíssimos.

Mais adiante, de capa robusta e jeito de promotor de justiça examinando provas, repousava **Robbins & Cotran**. Era o livro que contava aquilo que ninguém queria ouvir: que as células enlouquecem, que tumores crescem silenciosos, que tecidos se rebelam, inflamar é uma forma de protesto, e que até a morte segue, na maior parte das vezes, um roteiro minuciosamente descrito. Se Harrison fazia perguntas e Gray mostrava mapas, Robbins era o cronista das tragédias íntimas das células.

No andar de baixo, um pouco afastado de tanta pompa, o **Merck Manual** parecia um desses cadernos de anotações de velhos clínicos gerais: direto, pragmático, sem muito romance. “Paciente chega com tal coisa? Pense nisso, descarte aquilo, faça tal exame.” Um manual de guerra do cotidiano, onde cada plantão é uma batalha de trincheira.

Boron & Boulpaep, a Fisiologia, ficava ao lado, silencioso e orgulhoso. Era o tipo de livro que não seduz à primeira vista. Não tinha o drama da patologia nem o glamour da anatomia. Mas era nele que o coração aprendia que não basta bater: precisa saber por quê, em que ritmo, sob qual ordem. Era o código-fonte. Se a medicina fosse um sistema operacional, a fisiologia seria o conjunto de linhas de comando que, discretamente, fazem tudo funcionar.

Mais à esquerda, um tanto sério, o livro de **Neurologia Clínica** parecia inevitavelmente sofisticado. Falava de epilepsias, escleroses múltiplas, Parkinson, AVCs – mas por trás de cada termo em latim escondiam-se pequenas tragédias domésticas: o senhor que esquece o próprio endereço, a mulher que não reconhece o rosto do filho, o jovem que acorda um dia e descobre que o próprio corpo entrou em dissidência. Depois de meus dois AVCs, a caminho de um terceiro, tem sido um best-seller na minha biblioteca particular.

Na mesma prateleira, **Davidson** parecia aquele professor britânico com humor irônico, capaz de falar de insuficiência cardíaca como quem comenta o tempo: com calma, clareza e um leve ar de “já vi isso antes”. Ele traduzia o caos em capítulos e fluxogramas, dando a sensação enganosa de que tudo, no fundo, é administrável.

Mais abaixo, como uma certa promessa de futuro, estava o **Nelson**, o tratado de Pediatria. Sua vocação era outra: falava de febres misteriosas em crianças risonhas, de murmúrios cardíacos em corpos minúsculos, de vacinas, de curvas de crescimento, de doenças raras em seres que ainda não aprenderam a dizer “dor”. Nelson carregava, talvez, a parte mais delicada da medicina: lidar com o começo da história.

Ao lado, imponente, **Goodman & Gilman** lembrava um laboratório químico encadernado. Ali dentro, cada comprimido, cápsula ou ampola se tornava personagem: antagonistas, agonistas, inibidores, bloqueadores — todos tentando influenciar, convencer ou coagir o organismo a fazer o que não faria sozinho. A farmacologia é uma espécie de romance político: drogas negociando com receptores, mediadores químicos fazendo lobby, enzimas sendo subornadas.

Por fim, quase como um oráculo de consulta rápida, estava o **Current Medical Diagnosis and Treatment**, que funcionava como aquele médico experiente do corredor, sempre à mão para um “doutor, só uma pergunta rápida”. Não tinha o refinamento filosófico dos tratados, mas possuía a sabedoria prática de quem sabe que plantão não espera elucubrações: precisa de respostas agora.

Naquela noite de terça-feira, enquanto o mundo lá fora discutia política, reality show e futebol, um estudante de medicina ocupava a única mesa da pequena biblioteca do hospital. Eram 3h17 da madrugada. Do lado de fora, o corredor cheirava a desinfetante, e um monitor cardíaco fazia *bip* em intervalos que pareciam sílabas de uma língua estranha.

Ele estava diante de **Harrison**, mas já havia rodopiado, mentalmente, por metade da estante. Dias antes, uma paciente tinha chegado ao pronto atendimento com uma dor vaga, febre discreta e um mal-estar “indefinível”, palavra que, em medicina, é o equivalente a “boa sorte” em qualquer outra profissão.

O residente mais velho tinha dito:

— Lê o Harrison. A clínica está toda lá. E o garoto, obediente, foi.

Conforme lia, porém, começava a perceber algo desconcertante: quanto mais lia, mais se abriam possibilidades. A febre podia ser isso, podia ser aquilo, podia ser algo raro, podia ser algo óbvio, podia ser algo que ainda nem tinha nome. Era como consultar um oráculo que, em vez de uma resposta, devolvia um cardápio de incertezas.

Ele levantou o olhar um instante e percorreu a estante. Pensou que, se somasse todas aquelas páginas, talvez chegasse perto de um milhão de palavras. Um milhão de palavras para tentar dominar o que se passa dentro de um único corpo humano. E, mesmo assim, às vezes, o corpo não obedecia ao roteiro.

Lembrou-se, então, do que uma professora de clínica já tinha dito, um dia, num tom quase de crônica:

— Livro nenhum aguenta a quantidade de improviso que a vida inventa, meu filho.

Naquele momento, o estudante entendeu que aqueles dez livros não eram uma fortaleza de certezas: eram uma confissão organizada de ignorâncias parciais. Uma tentativa humana, honesta e persistente de colocar ordem no caos, sabendo que o caos sempre guarda uma carta na manga.

Ele passou a mão na lombada do **Gray's Anatomy**, como quem cumprimenta um velho amigo. Era curioso: ali estavam representados músculos, nervos, ossos, tudo meticulosamente desenhado. E, ainda assim, quando abriam um corpo na sala de cirurgia, cada pessoa trazia pequenos desvios: um vaso mais alto, outro mais baixo, um nervo ligeiramente deslocado, uma variante anatômica que parecia lembrar, discretamente: “Não há dois de nós iguais”.

Do lado de fora da biblioteca, uma maca passou empurrada às pressas. Um chamado urgente. Um enfermeiro correu. O mundo real interrompendo, sem pedir licença, a biblioteca das certezas possíveis.

O estudante fechou o livro devagar. Pensou nos autores cujos sobrenomes enfeitavam as capas: Kumar, Harrison, Gray, Nelson, Goodman, Gilman... Nenhum deles veria aquela paciente em específico. Nenhum apertaria a mão dela, ouviria sua história, perceberia a hesitação nos olhos ao mencionar um sintoma, o medo mal-disfarçado, a pergunta que não se formula em voz alta: “Vai dar certo?”

Quem faria isso seria ele — ou qualquer outro médico naquele plantão. E então se deu conta de algo óbvio, mas que nos escapa: a medicina, no fundo, é uma leitura em voz baixa do corpo alheio. O médico é uma espécie de leitor profissional de sinais vitais e metáforas orgânicas. Os livros são dicionários dessa língua estranha.

Ele sorriu sozinho. Pensou que, se Joaquim Maria Machado de Assis fosse médico, talvez tivesse escrito um *Memórias Póstumas de um Fígado*, ou um *Dom Casmurro* inflamatório, cheio de dúvidas diagnósticas. Montaigne, se tivesse feito residência, provavelmente teria chamado um de seus ensaios de “Da Arte de Suspeitar de Tudo – inclusive do próprio diagnóstico”.

A campainha da UTI disparou. A realidade insistia.

Antes de sair da biblioteca, o estudante olhou mais uma vez para a estante. Imaginou que, quando tudo isso tivesse passado — as provas, as noites em claro, os plantões de fim de semana, a primeira intubação tremida, o primeiro óbito que dói por dentro — ele ainda voltaria ali, nem que fosse em pensamento.

Talvez um dia, já médico experiente, abriria o **Nelson** para rever algo sobre uma doença que agora atacava seu próprio neto. Ou folhearia o **Goodman & Gilman** para escolher, com cuidado milimétrico, a dose de um medicamento para alguém que amasse. E perceberia, com um certo espanto sereno, que a medicina não é um conjunto de verdades gravadas em pedra, mas uma conversa em andamento entre gerações de gente que tentou entender o corpo humano e, de quebra, a condição humana.

Porque, no fim, aqueles dez livros de medicina falam menos sobre doenças e mais sobre nós. Falam sobre o medo da morte, o desejo de controlar o incontrolável, a esperança de que um punhado de páginas possa nos ensinar a sofrer menos. Falam também de humildade: nenhum deles se pretende definitivo, todos sabem que serão substituídos, atualizados, superados.

O estudante apagou a luz. A estante ficou no escuro, mas os livros pareceram continuar brilhando por dentro, como se cada página guardasse uma pequena lâmpada acesa. Lá fora, o hospital seguia respirando em uníssono com seus pacientes, cheio de ruídos, alarmes, vozes, passos apressados. Ali dentro, no silêncio, aquela biblioteca do corpo aguardava a próxima consulta.

Porque, enquanto houver alguém deitado em um leito, alguém sentado em uma sala de espera, alguém perguntando “o que eu tenho, doutor?”, haverá também um médico — ou alguém tentando se tornar um — abrindo um desses livros e murmurando, para si mesmo, a pergunta que nunca nos abandona:

“Como eu posso cuidar melhor de você?”

E, talvez, essa seja a verdadeira crônica escondida entre um capítulo de fisiologia e um de patologia: a de um mundo onde o conhecimento, por mais pesado que seja na estante, só faz sentido quando se inclina, com delicadeza, sobre a fragilidade de um corpo — e decide ficar ali, ao lado, tentando aprender com ele.